

VERBETES QUE FIZERAM HISTÓRIA

Rachel Esteves Lima

O discurso da universidade hoje pode caminhar de acordo com a redução do mundo ao princípio da contabilidade, seguindo a sujeição neoliberal do real ao cálculo representativo; ou pode proceder de acordo com a redução do mundo ao princípio da responsabilidade.
(Alberto Moreiras)

Refletir sobre o papel do intelectual, hoje, na periferia do capitalismo constitui um ato de coragem, uma vez que tal tarefa se propõe como um investimento contra-narcisista, que não apenas abala a auto-imagem do *homme de lettres*, construída durante quase dois séculos, mas também promove um deslocamento de sua posição privilegiada na ordem do saber e uma relativa deslegitimação do espaço institucional em que o conhecimento por ele produzido é apropriado. Conscientes dos riscos envolvidos nesta empreitada, os pesquisadores reunidos em torno da linha de pesquisa “Literatura e memória cultural”, do GT de Literatura Comparada da ANPOLL, aceitaram esse desafio, ao se proporem a produção de uma “memória” da crítica literária latino-americana dos últimos 50 anos, projeto que constitui também a motivação maior para a realização deste Simpósio e que coube a mim, na qualidade de Coordenadora da linha de pesquisa, no biênio 2000-2002, aqui, introduzir.

Começo partindo de um tema que talvez já possa ser considerado lugar-comum no universo acadêmico brasileiro, principalmente se recuperarmos as reflexões que vêm sendo desenvolvidas nos congressos da ABRALIC realizados a partir do ano de 1996: a inter-relação dos estudos comparatistas com os estudos culturais. E o faço por acreditar que é mesmo impossível pensar, hoje, a prática da literatura comparada no país sem levar em conta as interpelações que lhe têm sido colocadas por um campo de saber que, não bastasse haver promovido o deslocamento da noção de literatura, acabou por colocar em discussão o próprio

conceito sobre o qual se sustentava e que promovia sua legitimidade, a partir do momento em que ousou apontar os fundamentos modernos de toda e qualquer política da identidade.

O deslizamento dos sentidos da literatura e da cultura se insere em (ou é produzido por) uma situação de reorganização geográfica, política e econômica na qual se torna discutível a pertinência dos projetos nacionais. Projetos que foram, em grande parte, sustentados por um trabalho intelectual comprometido com a descrição das diferenças dos países ditos periféricos, em relação ao "centro desenvolvido". A crise dos paradigmas que forneciam o alibi para o exercício do pensamento da identidade instaura, talvez para todos nós, uma situação de desorientação que ultrapassa em muito a definição dos artefatos simbólicos de que devemos nos ocupar enquanto praticantes da literatura comparada, colocando em discussão as próprias condições de possibilidade de superação das aporias que seguem sendo experimentadas pelo discurso crítico de uma área que, como lembra Alberto Moreiras, perdeu "sua função hegemônica na produção ideológica do valor social".¹

Diante de um quadro de instabilidade e incertezas, inevitavelmente gerador de angústias (que, esperamos, continuem sendo produtivas para o campo da Literatura Comparada),² os participantes da linha de pesquisa "Literatura e memória cultural" decidiram, no Encontro Nacional da ANPOLL, realizado em agosto de 2000, em Niterói, investir em um trabalho de cunho metateórico, no qual fossem retomados como objeto privilegiado de análise os conceitos operatórios que forjaram o pensamento latino-americanista sobre as trocas culturais processadas na região, procurando desenvolver uma reflexão capaz de orientar a sua atuação, no presente. Segundo o meu entender, dois objetivos devem ser contemplados por esse empreendimento: a construção de uma memória "contra-hegemônica" da crítica latino-americana – uma memória

¹ MOREIRAS. *A exaustão da diferença*, p.23.

² Cf. HUTCHEON. *World literature today*, p.299-303.

“pluralizada”, assumindo-se uma postura historiográfica pós-moderna – e a produção de uma reflexão pontual sobre a possibilidade de rompermos os limites que a atual reconfiguração epistemológica impõe ao nosso trabalho.

No que se refere ao primeiro objetivo, convém lembrar a necessidade de promovermos uma contextualização dos conceitos escolhidos pelo grupo, elaborando-se uma revisão que considere não apenas o momento, a forma e o local em que eles foram produzidos, mas que desenvolva também uma reflexão sobre o valor residual de tais formulações para a compreensão dos impasses que a globalização, em suas esferas política, econômica e cultural, apresenta às narrativas da identidade, na contemporaneidade. A princípio, o *corpus* da pesquisa é formado pelos seguintes conceitos: calibanismo, dialética da malandragem, entre-lugar, estética da fome, estômago eclético, ex-tradição, heterogeneidade cultural não-dialética, hibridismo, idéias fora do lugar, literatura de fundação, mescla cultural, mirada estrábica, modernidade tardia, pós-ocidentalismo, razão antropofágica, realismo mágico, subalternidade, super-regionalismo, transculturação e tropicalismo.

Pode-se dizer que o gesto de associar os termos “crítica literária” e “identidade cultural” na América Latina praticamente significa lançar mão de um pleonasmo. Afinal, até a década de 50 deste século, o caráter empenhado da literatura que aqui se produziu também se manifesta na crítica. Nutrido pelo ideal ilustrado que pressupunha um projeto pedagógico imprescindível à construção da nação, o intelectual latino-americano se colocou perante a sociedade tanto como um agente de descoberta e valorização da “cultura popular”, que embasaria a consciência nacional, quanto como um “herói civilizador”, apropriando-se de um discurso liberal “relativo”, uma vez que, para o atendimento de sua demanda pela constituição de um mercado cultural interno, teve que recorrer ao Estado.

Gestada a nação no século XIX, tratar-se-ia, no século XX, de assegurar-lhe, via ideologia do legado, a “unidade espiritual”, traduzida por um repertório de símbolos discursivamente criados pela intelectualidade, comprometida com os projetos de modernização implementados pelo Estado. Caberia aos homens de letras minimizar a “sensação de desenraizamento” que acompanhava os nativos americanos, inventando uma tradição que constitui uma narrativa desistoricizada pela evocação de um retorno às origens arcaicas, pré-modernas, seja através do elogio da herança cultural latina, da valorização do mundo indígena pré-colombiano ou pela mitificação da harmonia racial produzida pela prática da mestiçagem.

A noção de “lugar” pode ser vislumbrada em tais narrativas de identidade, que, em maior ou menor grau, apresentam em comum, segundo Santiago Castro-Gómez, os seguintes elementos: a crítica às soluções universalistas; a idéia de que o “mal” se encontra “fora” da nação; a postulação de uma especificidade cultural o recurso ao popular como instância legitimadora da verdade; a invocação do sentimento religioso e do messianismo político; a exaltação do paternalismo intelectual e da liderança carismática; o culto aos heróis; a oposição radical entre o autêntico e o estrangeiro; a tentativa de reconciliar todas as oposições sociais; a romantização da mestiçagem e a definição *ex negativo* do “próprio”.³

Como se pode perceber, tais concepções se adaptam melhor a uma sociedade em que a modernização ainda se mostre incipiente, situação vivenciada até meados deste século, na América Latina, e que não persistiria após a Segunda Guerra Mundial. A reorganização político-econômica ocorrida a partir de 1945 embalou o sonho dos desenvolvimentistas, mas as conseqüências da aceleração do processo de industrialização logo se tornaram perceptíveis aos teóricos cepalinos e, como lembra Antonio Candido, nesse período é deixada para trás a fase de

³CASTRO-GÓMEZ. *Crítica de la razón latinoamericana*, p. 70. [Tradução minha]

“consciência amena do atraso”.⁴ O abandono dos binarismos que embasavam as abordagens dos desenvolvimentistas é, pois, produto de um novo ajuste teórico, em que o subdesenvolvimento passa a ser considerado não como uma fase a ser cumprida, mas como uma síndrome gerada pela relação de simbiose estrutural estabelecida entre a burguesia nacional e internacional, no quadro do capitalismo tardio.

A “consciência do subdesenvolvimento” acaba implicando um reconhecimento de que, no terreno cultural, “a dependência se encaminha para uma interdependência”,⁵ noção que veicula um questionamento da distinção estabelecida entre centro e periferia. Ocorre nesse momento, portanto, um deslocamento da noção de autenticidade e identidade nacional, uma vez que o capitalismo periférico pressupõe a coexistência de múltiplas temporalidades, a convivência de formas culturais tradicionais e modernas em um mesmo espaço. Frente a esse quadro, alguns conceitos, como por exemplo, os de transculturação, super-regionalismo, razão antropofágica, idéias fora do lugar e entre-lugar, promovem uma reinterpretação do papel do intelectual moderno na América Latina.

A intensificação do processo de globalização, traduzido pelo trânsito de pessoas, moedas, tecnologias, imagens e modelos ideológicos, vem complicar ainda mais a análise cultural, levando ao limite a capacidade de produção dos discursos sobre a representação, uma vez que, como afirma José Joaquín Brunner, a realidade multicultural da América Latina constitui a expressão dos “processos heterogêneos de conformação de uma modernidade tardia construída em condições de acelerada internacionalização dos mercados simbólicos em um nível mundial.”⁶ Como temia Ángel Rama, a modernização operada a partir do mercado transnacionalizado acaba

⁴ CANDIDO. *A educação pela noite e outros ensaios*, p.140-162.

⁵ Ibidem, p.155.

⁶ BRUNNER. *América Latina: cultura y modernidad*, p.38. [Tradução minha].

desacreditando as estratégias da transculturação regionalista,⁷ demandando novas formulações críticas que possam oferecer vias interpretativas capazes de proceder à análise do universo da cultura na época de sua subsunção no capital. Os conceitos de hibridismo, heterogeneidade não-dialética, subalternismo, essencialismo estratégico ou tático, que apontam para o “não-lugar da cena pós-moderna” têm se oferecido, na contemporaneidade como uma resposta a essa demanda, que também interpela a todos nós.

Tal preocupação orienta a organização da mesa-redonda “ABZ de crítica cultural”, cujo planejamento se pautou pela necessidade de se compreender a crítica literária da América Latina a partir de suas articulações com o contexto histórico e com as demais esferas de produção de conhecimento que procuram analisar a cena cultural da região. O eixo temático proposto procura colocar em interação categorias tanto temporais quanto espaciais, devendo-se ressaltar que, aqui, a recuperação das noções de lugar, entre-lugar, não-lugar, tal como ocorre com as de moderno e pós-moderno, longe de se prender a um encadeamento linear e progressista que pressuponha a superação de um conceito por outro, pretende tecer uma rede em que a dispersão e a errância constituam estratégia de fuga a um historicismo baseado em modelos de explicação causalistas e dicotômicos.

É procurando contribuir para a implementação dessa estratégia e atender também ao segundo objetivo traçado anteriormente – qual seja, o de refletir sobre os limites epistemológicos da produção intelectual, na atualidade – que se propõe o encaminhamento da pesquisa empreendida pela linha e a exposição de seus resultados em conformidade com alguns dos procedimentos que definem o gênero enciclopédia. O que se segue é uma tentativa de mapeamento das implicações que a retomada de uma forma normalmente vinculada à emergência da modernidade levanta, num contexto de questionamento dos discursos que sustentaram tal

⁷ Cf. TRIGO. *Angel Rama y los estudios latinoamericanos*, p.150.

projeto. Nessa empreitada, apóio-me, basicamente, no meta-ensaio sobre a história do gênero publicado por Alfredo Salsano sob a forma do verbete "Enciclopédia", que consta do volume "Conhecimento" da *Enciclopédia Einaudi*.

Segundo o autor, ainda que o sentido imediatamente atribuído ao gênero coincida com a idéia de um saber acumulado que apresenta validade indiscutível e que poderia, no máximo, ser atualizado em edições posteriores, uma análise diacrônica nos permitiria perceber que, já em sua origem, o projeto de sistematização e totalização da enciclopédia, como produção histórica específica, se vê confrontado pela irrupção da dúvida, responsável pela superação dos próprios paradigmas que a ciência moderna deveria validar, com base nos critérios de objetividade e imparcialidade. Por conseguinte, tanto as produções enciclopédicas quanto a ciência moderna seriam animadas, desde o início, por uma tensão incessante entre o "inventário", que procede por encadeamentos lógicos e classificatórios, e a "invenção", que promove a renovação contínua dos conhecimentos.

Assim, a própria adoção da forma do dicionário na *Encyclopédie* planejada por Diderot e d'Alembert, longe de meramente atender ao objetivo de exaurir e unificar o conhecimento adquirido até o século XVIII, obedeceria, segundo Salsano, ao propósito de escapar aos constrangimentos ideológicos e disciplinares que promoviam uma interpretação fechada da ordem do mundo, fundada sobre a rigidez da noção de sistema. Concebida segundo a ordem alfabética, a enciclopédia moderna procuraria incorporar não o sistema, mas a sistemática de organização do dicionário, a ela agregando, contudo, a possibilidade de produção de um discurso contínuo, constituindo-se como um repositório dos conhecimentos adquiridos e, simultaneamente, como um espaço de produção de novos saberes. Embora ainda recorrendo ao modelo medieval da árvore das ciências, o que nela prevalece não é um esquema metafísico e ontológico em que a obra almeja se constituir como um simulacro do mundo, mas sim a

orientação empirista e pragmática que considera que o mapeamento sinalético por ela produzido permite, ao mesmo tempo, introduzir um saber de caráter técnico e científico numa forma eminentemente literária e promover a circulação entre conhecimentos sempre em movimento. O autor lembra ainda que, no caso da *Encyclopédie*,

a ordem alfabética marca também o distanciamento da pedagogia, não apenas porque esta forma aberta, artificial, pede a intervenção ativa de um leitor que se trata mais de informar do que de instruir ou educar num saber constituído, mas sobretudo porque, no suceder-se arbitrário das palavras da língua natural, definidas e analisadas nas suas relações com o referente, perde-se toda a possibilidade de veicular (através das etimologias ou através de uma linguagem artificial que encontre a harmonia da mente divina, pouco importa) um conhecimento fixado num corpo de doutrina, num sistema. Aberta à dinâmica dos conhecimentos, ao caráter cumulativo do saber científico, a ordem alfabética rompe com uma ontologia ensinável, admitindo apenas uma sistemática que é a epistemológica possibilidade de construir percursos cada vez mais mutáveis, que lhe exploram precisamente a arbitrariedade, a artificialidade.⁸

Se a obra projetada por Diderot e d'Alembert promove uma desagregação na ordem dos saberes, em virtude de seu caráter anti-doutrinário, desierarquizado e arbitrário, as posteriores variações do modelo, produzidas no século XVIII e XIX, atendem, de modo geral, aos interesses de um regime de controle e organização. Em nome da objetividade, da imparcialidade e do ideal unificador das ciências, empreende-se um exaustivo levantamento dos conhecimentos até então adquiridos, sem que este se faça acompanhar de uma reflexão sobre suas condições de produção. O gênero passa a ser utilizado com objetivos didáticos e moralizantes, por vezes alimentando o ideal nacionalista de “união de todas as forças culturais do país”. E, infelizmente, seria essa a imagem que acompanharia as produções enciclopédicas, em geral.

No entanto, a crise do modelo positivista, de caráter informativo, já se faria sentir, como lembra Salsano, a partir da década de 30 do século XX, quando Lucien Febvre, reclamando um viés mais ensaístico na organização e escrita dos verbetes, promove, de certa forma, um retorno à proposta ilustrada, priorizando a problematização e a orientação sobre os conceitos, em

⁸ SALSANO. *Enciclopédia Einaudi*, p. 402.

detrimento da visão cumulativa de uma simples obra de referência. As adaptações do gênero, exemplificadas pela recente introdução de seções que extrapolam a ordem alfabética na *Enciclopédia Britânica* ou pela criação dos *tableaux de relations* da *Universalis*, dão conta de uma nova forma de exposição do conhecimento, tornando explícita a impertinência das rígidas demarcações conceituais e da definição precisa dos limites entre as disciplinas.⁹

Interessa-me, no momento, reter da descrição do projeto original da enciclopédia moderna algumas das estratégias que colaboraram para que ela não se constituísse como um mero recurso de cultivo da erudição, lembrando que, hoje, mais do que nunca, essa erudição já não encontra lugar e que as informações contam, na atualidade, com meios mais ágeis e eficazes para a sua divulgação e transmissão do que o livro.

O que permanece é a necessidade de se produzir um trabalho intelectual que mantenha a tensão entre o inventário e a invenção, característica do gênero em sua primeira fase. Um trabalho que procure consistir num instrumento voltado muito mais para a compreensão, interpretação e – por que não dizer – transformação do mundo do que para a mera aquisição de conhecimento. Que adote uma sistemática, indispensável à organização dos sentidos já estabelecidos, mas que recuse o enclausuramento desses sentidos em um sistema. Que até mesmo se coloque, como no caso da enciclopédia de Diderot e d’Alembert, **contra** a literatura, no que ela pode representar de compromisso com o beletismo e a manutenção da ordem hierárquica em uma sociedade letrada. E aqui, como se pode perceber, refiro-me ao livro de John Beverly, no qual o crítico denuncia as funções cumpridas pela literatura na sociedade latino-americana, onde a escritura fez calar as vozes capazes de questionar o discurso homogêneo que sustentou o projeto nacionalista.¹⁰ Mas é preciso, também, ir além da enciclopédia, em sua gênese, pois não se trata simplesmente de

⁹ Ibidem, p. 418-424.

¹⁰ Cf. BEVERLY. *Against literature*.

defender a reprodução de uma forma, mas, sim, sua suplementação, de modo a restituir-lhe rentabilidade para responder aos desafios que se colocam ao pensamento, no presente. E, assim como a pós-modernidade pode ser compreendida como uma releitura da modernidade e da racionalidade burguesa que a constituiu,¹¹ o intelectual pós-moderno tem que assumir o seu deslocamento nesse processo e a perda de autoridade que sempre conferiu às suas narrativas uma posição hegemônica na ordem do saber. Afinal, não se mostram mais aceitáveis, hoje, a defesa do empirismo e a crença, expressa na *Encyclopédie*, de que o indivíduo/sujeito do conhecimento se situa “num ponto de observação bastante elevado, de onde possa abarcar todo o conjunto das principais artes e ciências”.¹²

Na verdade, o uso reiterado, no discurso teórico da atualidade, das metáforas do labirinto, da rede, do mapa ou do rizoma, em substituição à imagem da árvore do saber, sugere justamente o contrário: a recusa à verticalidade hierarquizante que garantiu durante séculos a força da voz autoral. Resta ao intelectual de hoje, entretanto, a alternativa do diálogo.

A proposta da linha de pesquisa que aqui represento caminha nessa direção. Assumindo o rompimento com uma perspectiva individualista de produção do conhecimento, busca-se desenvolver coletivamente o projeto exposto, tentando-se – não sem dificuldades – conseguir que seus participantes atuem realmente como um grupo de trabalho.

Ao insistirmos nesse caminho, evocamos a noção de comunidade intelectual, e, se o fazemos, certamente é por acreditarmos que só através de uma política voltada para as trocas intersubjetivas poderemos nos colocar à altura da responsabilidade que nos colocamos perante a

¹¹ Cf. LYOTARD. *O inumano*, p.33-43; CANCLINI. *Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina*, p. 201-237.

¹² D’ALEMBERT. Apud SALSANO, p.425-426.

história, a história que, como nos lembra Homi Bhabha, também acontece “no interior das páginas da teoria”.¹³

Referências bibliográficas

BEVERLY, John. *Against literature*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

BHABHA. *O local da cultura*. Trad. Miriam Ávila, Eliana Lourenço Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BRUNNER, José Joaquín. *América Latina: cultura y modernidad*. México: Grijalbo, 1992.

CANCLINI, Néstor García. La modernidad después de la posmodernidad. In: BELLUZZO, Ana Maria de Moraes (Org.). *Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina*. São Paulo: Memorial/UNESP, 1990, p.201-237.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

HUTCHEON. Productive comparative angst: Comparative Literature in the age of multiculturalism. *World Literature today*. Oklahoma, v.69, n.2, p.299-303, spring 1995.

LYOTARD, Jean-François. *O inumano*. Trad. Ana Cristina Seabra, Elisabete Alexandre. Lisboa: Editorial Estampa, 1989.

MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença; a política dos estudos culturais latino-americanos*. Trad. Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

SALSANO, Alfredo. ENCICLOPÉDIA Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2000. v.41, p.369-432.

¹³ BHABHA. *O local da cultural*, p.43.

TRIGO, Abril. De la transculturación (a/en) lo transnacional. In: MORANÃ, Mabel (Org). *Ángel Rama y los estudios latinoamericanos*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana/Universidad de Pittsburgh, 1997, p. 147-171.